

40° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS.

**ST34 - Trabalho, trabalhadores e ação coletiva**

**0431-1- A dimensão do *estar-junto*: sociabilidades e identidades como articuladores teóricos possíveis para pensar a tríade homem-lixo-trabalho**

**Marilia Veronese  
Sueli Cabral**

## Introdução

Este texto toma como ponto central vidas estigmatizadas, propondo o estudo da tríade relacional *homem-lixo-trabalho*, através da análise do registro empírico de uma cooperativa de catadores de lixo urbano com potencial de reciclabilidade. Busca-se a compreensão da vida cotidiana dos sujeitos em questão e o quanto pode revelar um movimento em que a desordem se configura como agente de fortalecimento individual e coletivo. O foco está na tessitura de uma forma de *estar-junto* que se tornou o fundamento da sociabilidade presente, um vínculo que ganha a condição de processo de estreitamento das relações entre os membros de um grupo e desses em suas demais interações. Relações que não são apenas utilitárias, mas compõem uma sociabilidade compreendida como um fenômeno singular, ligado à (re)construção das identidades dos membros do grupo.

As pesquisas que embasam este texto foram conduzidas pelas autoras em uma cooperativa de reciclagem, com sujeitos que trabalham juntos, convivem e sobrevivem dos resíduos sólidos urbanos, moradores da cidade de Esteio-RS, em bairros periféricos, comunidades de abrangência do programa governamental Territórios da Paz<sup>1</sup>, conhecidas pela ausência de segurança, saneamento básico e outros direitos de cidadania. Em tais espaços a violência é vivenciada na realidade não apenas concreta, mas igualmente simbólica. Foram realizadas entrevistas individuais em profundidade, entrevistas grupais e observações participantes em reuniões, assembleias e encontros comunitários.

É, portanto, na intercessão de elementos objetivos e simbólicos que a reflexão se dá, não apenas a existência concreta do homem/mulher, do lixo e do trabalho com ele, mas igualmente das percepções e das representações que circundam esses elementos, as representações dominantes de moral, de valor, de insegurança, do ‘certo’ e ‘errado’, de gênero, de família etc. Isso acaba por transformar o acontecer cotidiano em uma instância de alianças que influencia e é influenciada pelas interações sociais existentes, as quais propiciam uma sociabilidade que, balizada por um *estar-junto*, confere sentidos às coisas e às pessoas, a partir e para além do trabalho.

---

<sup>1</sup> O programa faz parte do PRONASCI, Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania. É um programa federal com gestão local. (BRASIL, 2015).

As possibilidades de compreensão dos conceitos de sociabilidade e identidade partem do pressuposto de que existem laços sociais que são tecidos nas manifestações cotidianas, nas quais o *estar-junto* se consolida por certa fluidez e instantaneidade. Tais laços, mesmo que fluidos, possibilitam um *apropriar-se do mundo* a partir de maneiras, atitudes e ações que permitem efetivas conexões nas interações sociais. Por conseguinte, o pensamento *simmeliano* sobre sociabilidade constituiu-se um ponto de partida importante para a compreensão da *condição do estar-junto* que estamos propondo analisar.

Procuramos, neste texto, realizar uma articulação teórica entre as algumas das principais categorias que compuseram o marco teórico das pesquisas em foco. Para tanto, desenvolveremos reflexões acerca dos conceitos de identidades e de sociabilidades, procurando ler o registro empírico a partir de tais proposições.

## **2. Sobre Identidade e Estigma**

A contemporaneidade é marcada por novas contingências e incertezas, as quais possuem uma complexidade assinalada, no caso específico deste estudo, por *identidade social deteriorada* (GOFFMAN, 1988) dos sujeitos estigmatizados, considerados estranhos, figuras de desordem (BALANDIER, 1997), tidos como de menor valor social.

Cabe ressaltar que Goffman (1988) discute a relação entre identidade e estigma em sua obra “Estigma – notas sobre a manipulação”. Nela o autor apresenta como a sociedade estabelece modelos de categorias, o que acaba por catalogar os sujeitos conforme os atributos considerados comuns e naturais por outros membros, e concomitantemente determina os atributos e as categorias a que os sujeitos “devem pertencer”.

Afirma o autor (1988, p.4):

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua

categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação".

O sujeito estigmatizado possui duas identidades: a real e a virtual. A identidade social virtual ou o que a pessoa “deveria ser”, preenchendo as expectativas apresentadas pelo outro [estranho] ao ambiente social em que é apresentado, de modo rigoroso; a identidade social real ou o que a pessoa realmente é, com a categoria e atributos que a pessoa prova ter. Assim, uma dada característica [ou condição] pode ser um estigma, quando não há conexão entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, 1988).

Neste sentido, sobre as identidades real e virtual é possível afirmar que o processo de estigmatização ocorre em função da relação contraditória entre os atributos e os estereótipos dessas duas instâncias. Os considerados normais ou “aceitáveis” criam estereótipos distintos dos atributos de um determinado sujeito ou grupos de sujeitos delegando a estes um *status* profundamente depreciativo (GOFFMAN, 1988).

O estigma forja, portanto, uma relação impessoal com o outro, tratando-se de uma representação daquilo que se percebe como diferente, produzindo um aviltamento na vida do sujeito. É bom lembrar que para os sujeitos estigmatizados a própria sociedade reduz as oportunidades em todas as instâncias em função de uma imagem deteriorada, estruturada de acordo com o modelo do que é “bom”, do que é “normal” e do que convém à sociedade.

Para o autor a identidade dos estigmatizados destrói atributos e qualidades do sujeito e a própria sociedade confere a rejeição, o que pode levar o sujeito a um sentimento de profunda perda de confiança em si. Dessa forma, reforça o elemento simbólico, segundo o qual são incapazes e danosos à comunidade, o que, sem dúvida, fortalece os caminhos da própria exclusão social.

Cabe também ressaltar que há uma questão proeminente quando se discute identidade: a relação paradoxal da identidade pessoal e a *identidade para os outros*; uma não sobrevive sem a outra, constituídas por um processo não linear e altamente instável, na medida em que:

(...) em primeiro lugar, cada um de nós pode recusar uma identificação e se definir de outra forma e, por outro lado, sendo um processo construído socialmente, muda de acordo com as mutações sociais dos grupos de referência e de pertença a que estamos ligados, conforme estes alteram as suas expectativas, valores influentes e configurações indenitárias (SANTOS, 2005, p.123).

Tal ideia complementa-se à de liquidez elaborada por Bauman (2005a e 2005b) segundo a qual, nas sociedades contemporâneas, “seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente” (2005b, p.7). Essa fluidez não permite a formação de modelos permanentes, alterando constantemente a forma de ser e de se estar em sociedade.

O termo identidade foi assumindo duas – das mais importantes - formas teóricas distintas: a psicodinâmica e a sociológica. A vertente psicodinâmica, oriunda da teoria de Sigmund Freud sobre a identificação, entende a estrutura psíquica com uma identidade contínua, mesmo que geralmente conflitante. Daí decorrem os termos ‘crise de identidade’ e ‘crise pessoal’, que entraram no uso comum, principalmente a partir dos estudos de Erik Erikson<sup>2</sup>.

[...] enfatiza [a psicodinâmica] a constituição de uma estrutura psíquica que tende a estabelecer-se de forma mais ou menos estável, entendendo por identidade a aptidão do sujeito permanecer o mesmo em meio à mudança constante relacionada às fases de sua vida, mantendo o cerne de sua personalidade como um todo coerente. Essa formulação traz consigo a ideia de individuação por autodescoberta, havendo alguma mediação da alteridade, mas sem que esta tenha maior relevância (VERONESE; ESTEVES, 2009, p.220).

A vertente sociológica tem na identidade uma ligação com o interacionismo simbólico discutido por William James e George Herbert Mead. Em ambos os casos, a identidade aparece associada ao “Eu como um processo com duas fases – o ‘Eu’ que é sabedor, interior, subjetivo, criativo, determinante e inescrutável; e o ‘eu mesmo’ que é a fase mais conhecida, exterior, determinada e social” (PLUMMER, 1996, p.370).

Para Hall (2000), é possível afirmar que a questão da identidade é um problema que se destaca na medida em que as identidades não mais se referem a grupos

---

<sup>2</sup>Erik Homburger Erikson (1902-1994). Psiquiatra pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial na Psicologia e um dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento.

relativamente fechados ou, apenas, a identidades raciais/étnicas. Tal condição vem influenciando de forma brutal a construção das identidades, uma vez que, na modernidade líquida (BAUMAN, 2005), as identidades também se tornam instáveis.

Na vertente sociológica, as obras de Erving Goffmann (2003) e Berger & Luckmann (2003) merecem atenção. O primeiro, em “A representação do eu na vida cotidiana”, analisa as várias representações que o sujeito proporciona a si mesmo e às outras pessoas, os elementos pelos quais ele regula a impressão ou imagem que formam a seu respeito. O foco de análise é dirigido para a interação face a face, utilizam-se para tanto metáforas oriundas do teatro para descrevê-las, ou seja, os sujeitos em situação de influência mútua ‘*simulam*’, de forma similar ao realizado pelos atores em uma peça teatral. O autor igualmente utiliza outros conceitos relacionados ao teatro, como os de ‘*desempenho*’, ‘*cenário*’, ‘*expressão*’ e ‘*plateia*’. Assim discute as expectativas em relação ao comportamento dos outros existentes nas relações sociais e “numa situação em que um sujeito é apresentado a outro, aponta que este prevê uma série de atributos daquele em acordo os primeiros aspectos que aquele apresenta. O conjunto de tais atributos é denominado *identidade social*.” (SILVA, 2008, p.129).

Para os segundos, autores do clássico ‘A construção social da realidade’, a identidade começa a produzir-se devido à localização que a pessoa tem em determinado grupo e em determinado estado social. Assim, os processos de formação da identidade e do acervo social do conhecimento acontecem simultaneamente na sociedade, portanto, ser um ‘*ser social*’ é fazer parte do processo de interiorizar, subjetivar e exteriorizar, objetivar. Socialização e individuação são dois lados de uma mesma moeda. Nesse sentido, a identidade é atribuída, sustentada e transformada socialmente, alterando a vida social em uma complexa trama de reconhecimento e não reconhecimento (BERGER, 2001).

Para os autores, o desenvolvimento da identidade social dá-se em duas etapas: a socialização primária – passa-se na infância, no âmbito da família e da escola – e a socialização secundária, que ocorre na adolescência e na vida adulta, em contato com inúmeras instituições sociais e corresponde à aquisição e à incorporação de diversos saberes. Trata-se – a socialização secundária - da interiorização das instituições, que se constituem em realidades parciais, às quais se articulam (ou conflitam) com o mundo

adquirido na socialização primária, apesar de não se sobreporem à identidade criada na socialização primária. Dessa forma, a socialização secundária acaba por admitir uma reelaboração, mudanças, novas regras e novos modelos relacionais.

Cabe ressaltar que o processo da construção de identidades é algo com que o sujeito se deparará ao longo de sua vida inteira, trata-se de um longo - e por vezes árduo - percurso no qual estão envolvidas relações que serão feitas, refeitas e revistas pelos sujeitos. Aceita-se, portanto, a tese de Bauman (2005a), a qual compara o processo de construção da identidade a um quebra-cabeça, cujas peças serão encaixadas, até se formar uma imagem compreensível e um todo significativo, sem ser permanente, uma vez que, embora as peças se encaixem, sempre faltarão muitas peças, ainda que se substitua uma pela outra.

A identidade constitui-se, contudo, a partir de referências aos vínculos que ligam as pessoas umas às outras. Para o autor, o lócus da identidade contemporânea é o campo de batalha, da luta e da ambivalência, isso porque ao mesmo tempo em que há uma luta contra a dissolução, há um nítido processo constituído e aceito pelo fragmento, pelo que é imediato, pela constante decantação da vida, que, a um só tempo, une e divide (BAUMAN, 2005a).

Para VERONESE e ESTEVES (2009, p.96),

somos um eu, mas irremediavelmente ligados ao outro. Esse eu é plural e múltiplo, não linear e experimenta diversas posições identitárias, conforme esse outro cultural, discursivo, simbólico, vai lhe acrescentando a sua cor de diferença que o desestabiliza.

A busca de identidade é invariavelmente uma tarefa intimidadora ‘de alcançar o impossível’, uma vez que ela se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso e precário, sua fluidez está cada vez em maior evidência, há uma forte tendência para a construção de identidades individuais, não coletivas ou estáveis, oriundas, quiçá, pela própria crise do pertencimento, como explícito em Bauman:

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age -e a determinação de se manter

firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005a, p.17)

Para Dubar (2005), o processo da constituição da identidade ou formações identitárias, considerando as várias identidades que assumimos, existe a partir das tensões e dos processos relacional (atos de atribuição) e biográfico (atos de pertencimento) que se compõem em momentos históricos específicos e em contextos simbólicos próprios.

O autor afirma que

a divisão interna à identidade deve enfim e, sobretudo ser esclarecida pela dualidade de sua própria definição: identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e ao seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do Outro. Problemática, dado que a experiência do outro nunca é vivida diretamente pelo eu de modo que contamos com nossas comunicações para nos informamos sobre a identidade que o outro nos atribui (2005, p.135).

Ainda em Dubar (2009) e também em Frable (1997), a noção de identidade é polimorfa, estando sempre ligada a domínios diferentes e, portanto, a distintas concepções. Assim,

em uma perspectiva psicossocial, o conceito de identidade é tomado como a relação psicológica do sujeito com sistemas específicos de categorias sociais. Considera-se a identidade como uma articulação do sujeito com o social a um só tempo estável e provisória, individual e coletiva, biográfica e estrutural. Ela se configura no processo das transações do *eu* (identidade biográfica/subjetiva) com o *outro* (identidade relacional/objetiva) e com o mundo (identidades disponíveis culturalmente). As múltiplas identidades de uma pessoa (gênero, raça/etnia, sexo, classe, grupos minoritários ou outras) são construídas mediante processos de negociação intra e interpessoal dentro dos sistemas sociais específicos em que estejam inseridas. (VERONESE; ESTEVES, 2009, p.219).

Trata-se de um processo relacional, não idêntico nem permanente, mas é o resultado de um processo de identificação contingente composto tanto pela diferenciação – o que faz singular alguém ou alguma coisa ou a outro alguém, assim a identidade é a diferença – e pela generalização – o ponto comum a um conjunto de elementos diferentes. Dessa forma, a identidade também é a pertença comum.

A identidade de todo e qualquer ser empírico depende da época considerada, do ponto de vista adotado. (...) A identidade não é o que permanece necessariamente ‘idêntico’, mas o resultado de uma ‘**identificação**’ contingente. É o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e



generalização. A primeira é aquela que visa definir a diferença, o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou a alguma coisa diferente: a identidade é a diferença. A segunda é a que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro: a identidade é o pertencimento comum. Essas duas operações estão na origem do paradoxo da identidade: o que há de único é o que é partilhado. (DUBAR, 2009, p. 13 – grifo nosso).

Esse processo de identificação, para o autor, pode ser resumidamente apresentado em dois êxitos: *biográfica e relacional para outrem e biográfica e relacional para si*.

*1a) Biográfica para outrem:* é do tipo comunitário, uma vez que designa a pertença a um grupo local e à sua cultura herdada (língua, crenças, tradições), é uma forma de vida intrinsecamente ligada a condições culturais.

É uma forma de identificação historicamente muito antiga e que continua dominante enquanto perdurar, simultaneamente, a supremacia do Nós sobre o Eu (Elias), as formas místicas de crenças sobre as formas racionais (Weber) e as formas pré-capitalistas de produção (Marx) (DUBAR, 2009, p.71-72).

*1b) Relacional para outrem:* o processo de identificação está condicionado pelas suas interações dentro de um sistema (família, escola, Estado, comunidade etc.), assim, define-se pelos processos de identificação que estão vinculados à esfera da vida social. Trata-se do “Eu socializado” e seus diversos papéis assumidos; portanto, um Eu plural.

*2ª) Relacional em si:* trata-se daquela que provém de uma consciência reflexiva, vincula-se a um processo de identificação presente na associação de pares que partilham o mesmo objetivo ou ‘projeto’, que possui um significado subjetivo.

*2b) Biográfica para si:* sugere o questionamento das identidades atribuídas, ou seja, como cada um conta sua própria história sobre aquilo que ele é. Trata-se do *si narrativo*; cada um tem necessidade de ser reconhecido pelos outros significados e pelos outros generalizados.

É importante ressaltar, então, que o Eu é uma expressão da dualidade entre os processos subjetivos e o social, imbricado em mecanismos de identificação que utilizam categorias socialmente disponíveis. Assim, a identificação está ligada igualmente ao sentido de pertença com tudo e todos que o circundam (inclusive o território onde vive), mutante e temporal. Nesse sentido, a "identidade nunca é dada, ela sempre é construída e

deverá ser (re)construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura" (2005, p. 135).

Retomando Bauman (2005a), ressalta-se que o provisório e o movimento marcam a procura por referenciais identificatórios. Para o autor, talvez seja mais prudente portar identidades na forma como Richard Baster, pregador puritano citado por Max Weber, propôs que fossem usadas as riquezas mundanas: como 'um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento' (p.36).

Não se trata, portanto, de um ponto de partida ou de chegada, trata-se antes de um processo. Talvez seja essa a razão por que alguns autores, em especial Maffesoli (1996, 2004, 2007), propõem o termo 'identificação' no lugar de 'identidade'. Isso porque, para o autor, o termo 'identificação' possibilita a compreensão de um processo mutável e inacabado, o que, sem dúvida, vem constituindo a dinâmica identitária dos sujeitos.

Para esses autores, portanto, falar de identificações no lugar de identidades das *pessoas*<sup>3</sup> parece ser mais indicado, uma vez que a natureza das relações sociais contemporâneas, mesmo deslocando as responsabilidades de escolha para os ombros do sujeito, tecendo laços menos tradicionais e muito mais flexibilizados, oportuniza que outras subjetividades apareçam e estejam mais próximas à experiência emocional. Subjetividades que se constituem a partir da experimentação, da intensificação do momento, da sensação e do prazer, em uma complexa rede de conexões, mais *sociativas que associativas*, mais plurais e maleáveis.

Em síntese, percebe-se que as práticas cotidianas de identificação e pertencimento têm exigido a necessidade constante de revisitar a temática, uma vez que a própria transformação do conhecimento incita a reposicionar a questão diante das novas perspectivas teóricas que surgem. Entendendo-se que a construção da identidade é um produto de sucessivas interações sociais surge a dúvida: como entender teoricamente essas interações? Como se constituem?

---

<sup>3</sup>Maffesoli (1996, p.307) aponta que, na lógica dos processos de identificação, o conceito de pessoa é o mais apropriado. Diz o autor: "o indivíduo oposto à pessoa corresponderia à identidade oposta à identificação".

Para pensar essas questões, apresenta-se uma compreensão possível a partir do conceito de sociabilidade construída por Simmel (1983; 2006). Essa perspectiva foi adotada uma vez que se acredita que as vicissitudes constantes nas relações humanas contemporâneas ainda podem ser compreendidas sob a ótica *simmeliana*. Nesse sentido, na seção que segue, apresenta-se uma breve reflexão sobre o conceito de sociabilidade, tema visceral para a compreensão da problemática estudada.

### **3. Sociabilidades**

De acordo com Georg Simmel (1858-1918), a sociologia é o estudo de diferentes formas de socialização existentes e das relações sociais que resultam desse processo, que acabam por condicionar e determinar a formação de cada unidade social. Seriam processos de interação microssociológicos através dos quais se constitui a *sociação* (tida como formas puras de interação, não como “associação”). O autor considera que a sociedade é uma realidade que possui duplo sentido: em uma instância, há a percepção imediata da existência que leva a cabo os processos de associação e que une os sujeitos. Existem os interesses ou impulsos dos sujeitos que motivam tal união, como os econômicos, os bélicos, os eróticos, os religiosos etc. Para satisfazer tais impulsos e alcançar os propósitos de cada um ou de todos através de um estado constante de correlação e teleologicamente determinado, os sujeitos produzem efeitos sobre outros, ao mesmo tempo em que os recebem (SIMMEL, 2006).

Tais processos são determinados pelo grau de sociação, ou modos pelos quais os fluxos de experiências vividas ganham forma e persistem para além dos conteúdos íntimos originais que os sujeitos possuem. Para o autor, a própria consciência possui uma base sociológica, que permeia as atitudes individuais e se manifesta nas relações com os outros, de acordo com seus próprios conceitos e preconceitos. A sociedade só existe a partir dessas ligações entre os sujeitos; nesse processo, esses influenciam e são influenciados, consolidando, dessa forma, uma relação de troca. Trata-se, portanto, *do princípio da reciprocidade de efeitos entre as ações individuais*, fundamental na teoria *simmeliana*, pois é o que mantém as interações e, conseqüentemente, a existência da própria sociedade. Assim, a partir do conceito de sociação, surge o de *sociabilidade*, que

para Simmel (2006) vincula-se à ideia de que a vida social só existe no âmbito das formas sociais. Ou seja, a existência individual *é um transitar habitual* por um conjunto de formas fluidas, sejam elas efêmeras ou fixas, que, ao serem responsáveis pelas interações dos sujeitos, acabam por representar a capacidade de criação do espírito humano.

As possibilidades de compreensão do conceito de sociabilidades partem do pressuposto de que existem laços sociais que são tecidos nas manifestações cotidianas, nas quais o *estar-junto* se consolida, mas por certa fluidez e instantaneidade. Tais laços, mesmo que fluidos, possibilitam um *apropriar-se do mundo* a partir de maneiras, atitudes e ações que permitem efetivas conexões das interações e das relações sociais; por conseguinte, o pensamento *simmeliano* sobre sociabilidade constituiu-se em um ponto de partida importante para a compreensão da *condição do estar-junto*.

Antes de discorrer mais sobre a concepção de sociabilidade de acordo com Georg Simmel (1858-1918), acredita-se ser oportuna uma breve incursão sobre outros pontos importantes em relação ao pensamento do autor. Inicialmente, destaca-se que, para ele, a sociologia é o estudo de diferentes formas de socialização existentes e das relações sociais que resultam desse processo, que acabam por condicionar e determinar a formação de cada unidade social.

Simmel (1983) considera que a sociedade é uma realidade que possui duplo sentido: em uma instância, há a percepção imediata da existência que leva a cabo os processos de sociação e que une os sujeitos. Para satisfazer os impulsos e alcançar os propósitos de cada um ou de todos através de um estado constante de correlação e teleologicamente determinado, os sujeitos produzem efeitos sobre outros, ao mesmo tempo em que os recebem. Ou seja, nas inúmeras formas da vida social, os sujeitos estão “*todos los con-un-otro, para un-otro, en-un-otro, contra-un-otro y por-un-otro*” (p.195).

Tais processos são determinados pelo grau de sociação, que são as formas pelas quais os fluxos de experiências vividas ganham forma e persistem para além dos conteúdos íntimos originais que os sujeitos possuem. Para o autor, a própria consciência possui uma base sociológica, que permeia as atitudes individuais e se manifesta nas relações com os outros, de acordo com seus próprios conceitos e preconceitos.

Simmel hace una diferenciación en la personalidad de los individuos, entre la parte que llamaríamos social (sometida a las relaciones sociales entre los individuos y cuyo conjunto formaría el todo de la sociedad) y la parte que llamaríamos individual que, formando el interior de la personalidad humana del individuo, no está sometida directamente a las relaciones sociales. Para que la sociedad sea un conjunto continuo de acciones recíprocas entre individuos, es necesario que dichos individuos se sientan realizados en su existencia social y exista una plena correlación entre su ser individual y los círculos sociales en que se integra y, asimismo sinta la necesidad de su vida personal interior, para la vida del todo (GARCÍA, 1977, p. 201).

Na obra ‘Sociologia Simmeliana’, em especial, no capítulo intitulado "*El cruce de los círculos sociales*", o autor ressaltou que os círculos sociais aos quais os sujeitos pertencem se multiplicaram. O sujeito coloca-se em diferentes grupos – ou *círculos sociais* - como a família, o trabalho e os amigos e, no entrelaçamento desses círculos sociais, constitui-se. Para Simmel, a noção de individualidade está associada ao número de círculos nos quais cada pessoa interage. Por não pertencer a um grupo apenas e, portanto, não estar inteiro – plenamente – em nenhum dos círculos, é que o sujeito pode receber esse estatuto.

Os sujeitos e suas formas de produção simbólica e material, portanto, são os resultados do processo de interações que eles constroem ao longo de sua vida nos diversos círculos sociais. E sua participação neles acaba por expandir uma face da individualidade geralmente não explorada, sendo que são os pontos de intersecção que se tornam determinantes para a construção e a compreensão da própria individualidade.

En contraste, la vida en la modernidad contemporánea impone a los individuos la existencia de una gran cantidad de círculos sociales policéntricos (en el aspecto profesional, de la sociedad científica, respecto de las instituciones civiles y políticas, de la familia y sus roles, etc.), lo que, además de conllevar un aumento considerable de las formas de la sociabilidad, significa también nuevos y desconocidos peligros para la libertad individual. De allí que Simmel, lejos de ensalzar las ventajas de la modernidad, se ocupe particularmente de desvelar sus riesgos (ROBLES, 2000, p.222).

A pertença a distintos círculos sociais acaba por colocar em comunicação os diferentes papéis que o sujeito desempenha dentro da sociedade; concomitante, seu entrecruzamento constitui não apenas sua individualidade, mas, igualmente, relações que acabam por dar forma à complexa estrutura do tecido social. A articulação teórica entre a Filosofia, a Psicologia e a Sociologia e sua recusa em aceitar as fronteiras disciplinares permite a Simmel (2006) revelar uma sociologia que não se limita a uma perspectiva em que seu objeto seja a vida dos sujeitos, mas formada *a partir dela*. Nessa perspectiva, a

categoria sociedade é apreendida como um processo de interações duradouras já cristalizadas - como o Estado e a família - e as não tão organizadas e duradouras. Pois considerando-se que os sujeitos estão constantemente ligados uns aos outros, influenciando e recebendo influências, cria-se um laço social que se retroalimenta por eles mesmos, constituindo um processo de sociação que acontece por elementos tangíveis e não tangíveis.

Os laços de associação entre os homens são incessantemente feitos e desfeitos para que não sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os sujeitos, mesmos quando não atingem a forma de verdadeiras organizações. Que os seres humanos troquem olhares e que sejam ciumentos, que se correspondam por cartas ou que alcem juntos, que pareçam simpáticos ou antipáticos uns aos outros para além de qualquer interesse aparente, que a gratidão pelo gesto altruísta crie um laço mútuo indissolúvel, que um pergunte ao outro pelo caminho certo para se chegar a um determinado lugar, e que um se vista e se embeleze para o outro – todas essas milhares de relações cujos exemplos citados foram escolhidos ao acaso, são praticadas de pessoa a pessoa e nos unem ininterruptamente, sejam elas momentâneas ou duradouras, conscientes ou inconscientes, inconsequentes ou consequentes. Nelas encontramos a reciprocidade entre os elementos que carregam consigo todo o rigor e elasticidade, toda a variedade policromática e a unidade dessa vida social tão clara e tão misteriosa (SIMMEL, 2006, p.17).

O autor acredita que as relações sociais estão ligadas a esse sentimento comum a todos que é a sociabilidade. Ressalta, contudo, que ela pode variar de intensidade segundo as qualidades pessoais daqueles com os quais nos relacionamos, intercambiando ideias, emoções e até objetos. Nesse sentido, seu pensamento sociológico traz, de forma proeminente, a questão das interações sociais que, para ele, constituem a base das relações sociais.

A sociedade só existe a partir dessas relações e ligações entre os sujeitos; nesse processo, esses influenciam e são influenciados, consolidando a relação de troca e distinguindo-se de um simples conjunto de sujeitos. Trata-se, portanto, *do princípio da reciprocidade de efeitos entre as ações individuais*, fundamental na teoria *simmeliana*, pois é o que mantém as interações e, conseqüentemente, a existência da própria sociedade.

Tomando por base as categorias sociológicas, defino então a sociabilidade como a forma lúdica de sociação, e – *mutatis mutandis* – algo cuja concretude determinada se comporta da mesma maneira como a obra de arte se relaciona com a realidade. (SIMMEL, 2006, p.65).

A sociabilidade estabelece-se mediante um jogo em que cada sujeito deve garantir ao outro aquele máximo de valores sociáveis (felicidade, autonomia, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores recebidos por esse sujeito, imbuídos de valores intencionais. Nesse jogo, há uma atração que possui um duplo sentido: “não somente joga na sociedade aquele que a mantém externamente, mas, com ele joga-se de fato a sociedade” (2006, p.72).

Os sujeitos como parte da sociedade vão estar pautados em um complexo conjunto de atitudes socialmente sancionadas, que permitirão a efetivação das interações e das relações sociais; são os arranjos sociais que se configuram como artifícios de *produção* do meio social. Considerando as formas de sociabilidade, existe um nivelamento das posições sociais. A priori, as relações ocorrem em membros de classes sociais similares, pois implicam valores partilhados. Trata-se, nesse sentido, de uma relação construída com indivíduos que vivem e convivem com seus iguais, com proximidade espacial e conhecimento mútuo. São vínculos que transcendem a intimidade da casa, mas que propiciam o encontro mais estimado com o outro, fazendo dele uma fonte de segurança, mas igualmente de receios.

Se a sociação é sobretudo interação, então o caso mais puro de sociação é aquele que ocorre entre iguais, assim como simetria e equilíbrio são os elementos mais visíveis e ilustrativos das formas artísticas de estilização. À medida que, abstraída da sociação pela arte e pelo jogo, a sociabilidade demanda o tipo mais puro, claro e atraente de interação, aquela que se dá entre iguais. Pela sua natureza, ela precisa criar seres humanos que se desapegam de seus conteúdos objetivos e que, assim, modificam seu significado interno e externo para se tornarem sociavelmente iguais. Cada qual só pode obter para si os valores de sociabilidade se os outros com quem interage também os obtenham. É o jogo do ‘faz de conta’, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, faz de conta que cada um é especialmente honrado (2006, p.69-71).

Desse modo, como já foi dito, a sociabilidade oferece um caso possivelmente único no qual *o falar* se torna legitimamente um fim em si mesmo. Por ser puramente bilateral – e, talvez, com a exceção da “troca de olhares”, a forma de bilateralidade mais pura e sublime entre todos os fenômenos sociológicos –, ela se torna o preenchimento de uma relação que nada quer ser além de uma relação, na qual também aquilo que de resto é apenas forma de interação, torna-se seu conteúdo mais significativo.

Simmel (2006) compreende a sociedade a partir de duas diferenciações básicas: forma e conteúdo. O conteúdo da socialização é o que existe no sujeito, tais como os impulsos, os interesses e as finalidades, que são, em síntese, os interesses, os fins e as motivações individuais, tratando-se do que é próprio do sujeito e que lhe permite causar efeitos *sobre* os outros e receber efeito *dos* outros. Ressalta-se, no entanto, que tais motivações se tornam sociais apenas quando presentes nos processos de interação. Tais conteúdos, por sua vez, concretizam-se na realidade social a partir das formas ou dos modos de interação entre os sujeitos.

A socialização é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os sujeitos, em razão dos seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p. 60-61).

Percebe-se, portanto, que, entre as formas e os conteúdos, há sempre o jogo que implica uma tensão constante, mas igualmente uma autonomia na qual as formas passam a ter vida própria e não estão conectadas a um determinado conteúdo. E é esse processo acaba por gerar o fenômeno da sociabilidade. Para o autor,

esse processo funciona também na separação do que chamei de conteúdo e forma da vida societária. Aqui ‘sociedade’ propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade (1983, p.168).

São relações que têm como fim elas mesmas, sua existência está condicionada ao momento sociável e, quando muito, a sua lembrança. Não há propósitos objetivos nem resultados exteriores, a sociabilidade depende das personalidades envolvidas e do instante vivido.

Entende-se que o homem sociável só existe em relações sociáveis, nas relações de jogo social, nas conversações, há uma “democracia da sociabilidade, mesmo entre aqueles socialmente iguais, é um jogo de cena. A sociabilidade cria, caso se queira, um mundo sociologicamente ideal: nele, a alegria do sujeito está totalmente ligada à



felicidade dos outros” (SIMMEL, 2006, p.69). Trata-se de um *estar-junto* que, a partir de um *eu* que é plural, permite constituir laços sociais de ideias, sonhos e emoções partilhadas, no já mencionado *transitar*.

Trata-se de uma sociabilidade detentora de uma lógica transgressora da ordem racional e instrumental, vivenciada na dimensão que cria condições à participação e ao multicultural, experimentados e compreendidos também pelos sentidos. Assim, revela-se enquanto um terreno sobre o qual é possível entender o subterrâneo da dinâmica social, o que *religa*, a partir da lógica de interesses, impulsos e emoções que repousam em um tipo de ligação com o outro que se produz na correspondência, no reconhecimento da proximidade.

Nessa perspectiva, a sociabilidade enaltece a vida cotidiana enquanto jogo e arte, sendo que o estar-junto com o outro confere sentidos às coisas e às pessoas, agregando um modo de ser (*ethos*), mesmo que particular e momentâneo, propiciando um *sentir-junto* às convergências das ações e à sinergia social, o que possibilita desvelar melhor a tríade homem-lixo-trabalho.

Esta breve incursão sobre o tema sociabilidade não está completa, mesmo porque seria impossível no espaço deste texto. O que impulsionou essa síntese acima exposta foi o questionamento sobre o tema inicialmente proposto, com a contribuição de um olhar sociológico sobre as interações existentes na vida cotidiana dos catadores, sujeitos que experimentam a identidade deteriorada do estigmatizado – aquele que vive do lixo e com o lixo – ao mesmo tempo em que desenvolve uma sociabilidade do estar-junto que ressignifica a noção de *família*, de *trabalho* e de *dignidade*.

### **Sobre o objeto empírico: articulações possíveis**

Percebeu-se que as interações estabelecidas entre os membros do grupo, que ocorrem no e pelo trabalho, permitem enriquecer as experiências individuais e coletivas. No que se refere às representações acerca do lixo, o grupo pesquisado demonstrou a valorização do que fazem e, mesmo ocasionalmente se referindo aos materiais recicláveis como ‘lixo’, sabem perfeitamente a diferença do que a palavra pode expressar: para eles

existe o lixo – material reciclável – que é matéria-prima do trabalho, e existe o lixo que está associado ao que não presta, como por exemplo restos de comida.

As representações sociais construídas e vivenciadas entre os trabalhadores, que impactam na constituição de suas identidades, nos processos de sociabilidades e nos sentidos do trabalho com o lixo, são diversas e mutantes, tornando a tríade homem-lixo-trabalho extremamente complexa. Contudo, chama a atenção a questão sobre os estigmas e, concomitantemente, a sensação de pertencimento a um coletivo que proporciona sociabilidades das quais desfrutam.

O trabalho realizado pelos sujeitos, de catar, separar, transportar, organizar e acondicionar os resíduos recicláveis coloca o lixo – ressignificado como *material reciclável* - numa condição de obter valor de mercado, de gerar renda. Desse modo, o catador opera uma transformação que, além de ajudar em seu sustento e renda, tem valor simbólico: ele mesmo se recicla nesse processo, ou seja, adquire um papel social com sentido e se produz como sujeito, ao conversar, trocar ideias e relacionar-se com os pares. Tal operação não seria possível sem o contexto de sociabilidades, onde as próprias identidades são também reconstruídas a partir dos encontros, do estar junto que gera efeitos constantes.

Ainda quanto às identidades, é importante destacar que, no caso específico deste estudo, encontramos sinais de uma *identidade social deteriorada* (Goffman, 1988) dos catadores de material reciclável, sujeitos estigmatizados, estranhos, figuras de desordem (Balandier, 1997), considerados como de menor valor social. Apesar dos avanços conquistados, homens e mulheres que trabalham com o lixo ainda carregam o estigma de trabalharem o que se *joga fora*, aspecto ligado ao próprio tabu presente nas imundícies ou em tudo aquilo que a sujeira ou os dejetos acabam por lembrar: as doenças, a finitude, o feio, os marginais. Tornam-se, portanto, figuras de desordem de uma suposta ordem que tendem a minar, o subterfúgio erguido ao longo da história humana: o afastamento do que é *ruim*.

Contudo, apesar das exigências físicas e mentais do trabalho, esses sujeitos são ativos e suas ações reveladoras, pois não operam a partir da adversidade individual. Ainda que não plenamente organizados, lutam para adquirir riquezas tanto materiais como simbólicas e operam através de uma força nascida da própria adversidade, da própria desordem e, como tal, acabam por alterar, mesmo que parcialmente, as condições do mundo, da vida à qual estão submetidos (Cabral, 2015).

Os conceitos de identidade e sociabilidade possibilitam a compreensão do real enquanto um processo mutável e inacabado, que designa os outros *em torno* de mim mesmo ou os outros *em mim-mesmo*. As análises das narrativas no caso em foco mostraram que há uma identificação entre os sujeitos que os mantém unidos por aquilo que um dia as pessoas da cidade repeliram – o lixo - e, posteriormente, convertem a própria vergonha em algo do que se sentem orgulhosos. A transformação é mediada pelas trocas simbólicas, pelas afirmações de valor positivo que os novos integrantes da cooperativa ouvem dos mais antigos, ainda pertencentes ao grupo fundador.

Os sujeitos, no convívio com as dificuldades, acabam tecendo um movimento transformador e organizador em suas vidas, efetuando mudanças que, por vezes, transcendem a ordem da realidade “para além de sua própria esfera e de seu ambiente, alterando-a a partir de sua dimensão ética, que irá nortear os seus valores” (PETRAGLIA,1995, p.59). Sendo assim, a condição do *estar-junto* é a reciprocidade que se estabelece a partir do desordenamento da produção e reprodução – material e simbólica – das experiências individuais e coletivas.

E o sentido social desses fenômenos aos quais estão ligados e produzem cotidianamente é relevante; engendra um registro positivo que passa por ser reconhecido/a como trabalhador honesto, distinto da atividade de mendigos e bandidos, adquirindo a capacidade de organizar-se e mobilizar-se *coletivamente* na luta por melhores condições de trabalho e vida. E cada um individualmente se integra a esse coletivo, unindo seu interesse e impulso ao dos outros, ora de modo afinado, ora conflitivo. É nesse ponto que o grupo, o coletivo, adquire uma significativa importância na vida dos catadores, nas suas estratégias de sobrevivência e desejo de ascensão social. (VERONESE, 2016).

Atualmente, portanto, suas identidades são constituídas *também* a partir da busca constante do reconhecimento do que são e do que podem vir a ser. A cooperativa, enquanto um espaço de acolhimento, propicia que se engendrem saberes e sentimentos que vão influenciar diretamente no que são e como se definem, como por exemplo: cidadãos, homens, mulheres, amantes, travestis, trabalhadores, *machos*, mães, pais, irmãos, inteligentes, belos, feios, etc. E, por mais que tais atributos e sua condição de fato não os definam em sua complexidade, acabam por condicionar a forma como essas vidas

humanas estabelecem relações com o meio social. A sociabilidade existente acaba por ser a mediação ou a referência das *coisas do mundo*.

O que emergiu dos discursos foi que o trabalho com o lixo não possui um único sentido, mas tem diferentes representações, constituídas por diferentes valores, tanto positivos quanto negativos. Destaca-se que os sentidos presentes no cotidiano do trabalho engajam o grupo em uma missão comum, que é a de ampliar o número de residências cadastradas na cidade de Esteio e, com isso, criar a possibilidade concreta de obter melhorias nas condições de trabalho e no rendimento mensal. O lixo, portanto, aos olhos dos entrevistados, foi propulsor de uma melhora que não se restringe ao plano econômico. Sua dimensão alcança, em várias narrativas, o domínio do reconhecimento profissional e pessoal, sendo capaz de materializar desejos – como a compra de uma casa, de um carro usado ou até a obtenção de um cartão de crédito – desejos que, ao se misturarem com a *esperança*, esboçam o que chamamos de uma *fome do mundo*.

## REFERÊNCIAS

BALANDIER, G. **A Desordem** - Elogio ao Movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005b.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BECK, U. **World risk society**. Malden, USA: Polity Press, 1997.

CABRAL, S. **Territórios insólitos: o lixo, o trabalho e seus guardiões**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. UNISINOS, São Leopoldo, 2015.

DUBAR, C. **A Socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Crise das Identidades**. A interpretação de uma Mutação. São Paulo: Editora Universidade, 2009.

FRABLE, D. Gender, racial, ethnic, sexual, and class identities. **Annual Review of Psychology**, v. 48, p. 139-157.

GARCÍA, C. Estudios sobre las formas de socialización: Georg Simmel. **Revista Española de La Opinión Pública**. n. 49, p. 201-208, jul-set 1977.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GIOIELLI, R.F. **A Identidade Líquida** A experiência identitária na contemporaneidade dinâmica. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, USP, 2005.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. (p.103-133).

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (Tradução Tomás Tadeu da Silva)

MAFFESOLI, M. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a pós-modernidade: O lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica. 2004.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento comum**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NIETZSCHE, F. W. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (Obras de Nietzsche)

PETRAGLIA, I. C. **Edgar Morin: a Educação e a Complexidade do Ser e do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PLUMMER, Ken, (1996), Identidade In: William Outhwaite e Tom Bottomore (Orgs.) **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996, p. 369-371.

ROBLES, F. La Ambivalência Como Categoría Sociológica Em Simmel. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, 2000. p 219-235. Disponível em<<http://www.jstor.org/discover/10.2307/40184231?uid=3737664&uid=>> Acesso agosto/2015.

SANTOS, C. Construção Social do Conceito de Identidade Profissional. **Interacções**, n.8, p. 123-144, 2005.

SIMMEL, G. A sociabilidade. Exemplo de sociologia pura ou formal. In: \_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia: sujeito e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. O problema da sociologia. IN: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Col. Grandes Cientistas Sociais, vol. 34).

SILVA, P. V. B. Goffman, discípulo de Mead? **Intermeio (UFMS)**, v. 25, p. 116-133, 2008.

VERONESE, M.; ESTEVES, E. Identidade. In: CATTANI, A.; GAIGER, L. HESPANHA, P; LAVILLE, J. Dicionário Internacional da Outra Economia. p. 219-224, Coimbra: Almedina, 2009.

VERONESE, M. Associativismo entre catadores de material reciclável urbano. **Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 213-236, Jan.–Jun. 2016.

ZUCCHETTI, D. T. **Jovens: a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo**. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.